
Pedra Preta de Paranaíta: arte rupestre na ocupação do Alto Tapajós, Amazônia Mato-grossense

Maria Clara Migliacio

Doutora em Arqueologia pelo MAE/USP (Instituto Homem Brasileiro)

E-mail: taiaman38@gmail.com

Recebido em: 28/12/2016.

Aprovado em: 18/01/2017.

Resumo: Localizado numa área arqueologicamente pouco conhecida da Amazônia Meridional, no alto rio Tapajós, Pedra Preta de Paranaíta é o sítio que melhor representa a expressão rupestre da região, dadas as suas características monumentais e riqueza de seus grafismos. Diversos sítios similares têm sido registrados entre o rio Apiacás, a oeste, e o Araguaia-Tocantins, a leste, sugerindo uma área de ocorrência bem delimitada, em territórios tradicionais de diversos grupos indígenas. Outros elementos sugerem relações com áreas distantes. O artigo busca fornecer informações sistematizadas sobre esta expressão rupestre, ainda não plenamente descrita, sem descuidar da construção de seu contexto arqueológico.

Palavras-chave: Arte rupestre, Amazônia Mato-grossense, Alto Tapajós, Pedra Preta de Paranaíta, Grupos indígenas.

Pedra Preta de Paranaíta: rock art in the occupation of Alto Tapajós, in the Amazon, Mato Grosso, Brazil

Abstract: Pedra Preta de Paranaíta is located at a barely known part of the Southern Amazon, on the Upper Tapajós River. Due to its monumental character and the graphic richness of its petroglyphs, the site is the most emblematic and representative rock art site in the region. Similar sites in terms of graphic motifs and rock support have been recorded in the area enclosed by Apiacás river, in the West, and Araguaia-Tocantins rivers, in the East. The data indicates a well-defined area of occurrence for this rock art expression, encompassing traditional territories of several indigenous groups. Other archaeological elements suggest relations with distant areas. This article presents the information obtained for this rock art expression, yet not fully described, and addresses its archeological context.

Key words: Rock art, Mato Grosso's Amazon, Upper Tapajós River, Pedra Preta de Paranaíta, indigenous groups.

1 Introdução

Notícias sobre a existência de Pedra Preta de Paranaíta foram trazidas às frentes de colonização pelos primeiros garimpeiros que, cinco décadas atrás, adentraram a região norte mato-grossense, dando sequência à saga iniciada há alguns séculos, quando a descoberta de metais preciosos motivara o desbravamento dos sertões para além dos limites estabelecidos pela linha de Tordesilhas.

No processo de invasão maciça da área pela atividade garimpeira no século XX, e que veio a ensejar a colonização da área setentrional da chamada Amazônia Mato-grossense, o monumento aqui referido como “Pedra Preta de Paranaíta” ficou conhecido como “Pedra Preta”, depois chamada por exploradores-viajantes “Santuário da Pedra Preta” e, pela população atual, simplesmente, “A Pedra”.

E quando se diz “A Pedra”, não se está referindo a uma pedra qualquer, já que nessa latitude a floresta amazônica é intensamente marcada pela presença de grandes blocos rochosos, que caracterizam a vista aérea dos militares que cotidianamente sobrevoam de helicóptero a região da Serra do Cachimbo¹.

A pronúncia da denominação “A Pedra” é feita, pelo habitante, com certa reverência e de forma quase solene, de modo a expressar um reconhecimento de valor e atribuição de um significado que, pela falta de determinação explícita, envolve o monumento numa atmosfera de mistério.

No final do século XX, a área recebeu a visita de uma equipe de viajantes de nacionalidades diversas, tendo à frente o alemão Heinz Budweg, que ali se dedicou ao registro de sítios arqueológicos de características por ele definidas como “megalíticas”, alguns dos quais com presença de arte rupestre. As observações feitas em campo por esses exploradores foram consolidadas em dois relatórios, que apresentam os resultados alcançados com a ajuda de moradores locais².

Os sítios registrados por Budweg no norte mato-grossense apresentam elementos bastante semelhantes e podem ser entendidos como partes de um mesmo complexo. Esses elementos compõem-se principalmente de gravações rupestres e alinhamentos de pedras executados sobre grandes lajes graníticas a céu aberto. Alguns desses sítios apresentam gravações, mas não apresentam alinhamentos de pedra, e vice-versa.

Após quase uma década da passagem da equipe de Budweg, foram desenvolvidas algumas iniciativas governamentais, visando o desenvolvimento do ecoturismo como alternativa às atividades econômicas predatórias que caracterizam a ocupação da região – principalmente a exploração ilegal de madeira, a garimpagem clandestina e o desmatamento da floresta para implantação de pastagens.

Nesse contexto, em 2007, no bojo do Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal – PROECOTUR –, foi contratado pelo Ministério do Meio Ambiente – MMA, o *Projeto de Pesquisa Arqueológica, Plano de Gestão e Estratégia de Uso Público do Sítio Arqueológico de Pedra Preta, em Paranaíta, Mato Grosso*, desenvolvido pela Pascon – Consultoria Ambiental, e no qual assumimos a coordenação³.

Dentro dos limites de tal projeto, foi possível dar início a estudos que buscaram com que aquele bem cultural pudesse ser usufruído de forma mais proveitosa pela população do lugar, bem como pudesse alavancar um uso turístico sustentável, como atividade de desenvolvimento da economia local.

Parte dos resultados arqueológicos dos estudos realizados no âmbito deste projeto são apresentados no presente texto.

Em 2008, a Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente promoveu, em Brasília, uma apresentação pública dos resultados do projeto, com o objetivo de conquistar parcerias para a sua implantação, tendo contado com a presença do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), do Ministério da Cultura e do Ministério do Turismo, entre outros.

Mais tarde, em 2011, no licenciamento ambiental da UHE Teles Pires, o trabalho de instrução de um processo de tombamento para o monumento Pedra Preta de Paranaíta foi inserido num Termo de Compromisso proposto pelo Iphan e assinado pela empresa empreendedora, Companhia Hidrelétrica Teles Pires. Tal iniciativa visava à proteção daquele sítio arqueológico e foi estabelecida como medida compensatória em face às perdas de bens culturais decorrentes do empreendimento.

No entanto, com as mudanças operadas no Centro Nacional de Arqueologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional, a partir de 2012, o Termo de Compromisso que estabelecia tal medida foi alterado por um termo aditivo, tendo sido excluída a instrução do processo de tombamento do sítio arqueológico Pedra Preta de Paranaíta, perdendo-se, portanto, a chance de prover uma proteção mais efetiva para aquele bem cultural.

2 A Arqueologia no Alto Tapajós

A despeito da atenção dada à Amazônia pelos estudos arqueológicos que vêm sendo desenvolvidos há mais de um século, assim como de toda a relevância arqueológica da região, muitas de suas áreas permanecem arqueologicamente desconhecidas. Tal situação deve-se à sua grande extensão – cerca de 40% do território brasileiro, e pelo fato da maioria das pesquisas ter sido realizada junto aos seus rios principais, em áreas de várzeas ou planícies aluviais e no estuário, enquanto os sítios chamados “de terra firme”, localizados nas porções mais altas das bacias, só mais recentemente estão sendo estudados.

No rio Tapajós, embora a arqueologia da região tenha ficado conhecida devido à elaborada cerâmica tapajônica registrada no seu baixo curso, no trecho alto da bacia, localizado em terras mato-grossenses, as pesquisas arqueológicas estão apenas começando. Constituem-se, até o momento, principalmente por estudos de arqueologia preventiva, realizados para o licenciamento ambiental de um conjunto de usinas hidrelétricas planejadas como parte da estratégia governamental de geração de energia na região amazônica para abastecer o sistema nacional.

Assim, para a área dos rios Juruena e Teles Pires, formadores do rio Tapajós, já se conta com certo volume de dados primários, advindos de diversos estudos realizados na região nos últimos quinze anos, demandados pelo licenciamento ambiental. No entanto, o conhecimento arqueológico ainda é limitado, devido à escassez de pesquisas de caráter acadêmico.⁴

Registra-se, na região, a presença de numerosos sítios arqueológicos cerâmicos e litocerâmicos, em abrigo e a céu aberto, além de polidores fixos e de sítios de arte rupestre. São numerosas, também, as notícias de materiais arqueológicos e paleontológicos de megafauna, fornecidas por garimpeiros que atuam na região do rio Teles

Pires, além da existência de materiais cerâmicos e, principalmente, de artefatos líticos polidos, em mãos de colecionadores locais.

Em andamento, se encontram, no momento, os estudos de arqueologia decorrentes do licenciamento ambiental da UHE Teles Pires⁵ e da UHE São Manoel⁶, ambas no rio Teles Pires.

Os primeiros, que já estão mais avançados, forneceram o registro de dezenas de sítios arqueológicos, resgatando um acervo de cerca de 300 mil peças arqueológicas e 43 mil peças de material paleontológico.

Ambas as usinas estão localizadas em terras de ocupação imemorial dos grupos indígenas Cayabi, Apiacá e Munduruku, que apenas parcialmente foram demarcadas como Terras Indígenas. A Usina Hidrelétrica Teles Pires explora o salto conhecido na região como Sete Quedas, de significado mítico para os grupos indígenas citados, e que ficou de fora da área para eles demarcada. A Usina São Manoel localiza-se no limite imediato da Terra Indígena Kayabi.

Já os estudos acadêmicos de Francisco Stuchi buscaram entender o sistema tradicional de manejo de diferentes categorias êmicas de sítios arqueológicos de terra-preta, por meio de abordagem etnoarqueológica. Tal estudo, em nosso entender, pode dar grande contribuição para a discussão da formação dos sítios arqueológicos da Amazônia Meridional, uma vez que trata da reutilização e resignificação dos sítios de terra preta por populações indígenas que, ainda na atualidade, ocupam a região.

Sobre os sítios com arte rupestre da região do Teles Pires, conta-se com alguns dados básicos fornecidos pela equipe de Heinz Budweg. De forma geral, as descrições dos sítios arqueológicos indicam gravações executadas em relevo sobre matacões e blocos rochosos, além de alinhamentos de pedras e algumas estruturas que foram consideradas intencionais, compostas por blocos sobrepostos. Num caso, o bloco-suporte das gravações foi considerado por Budweg como um menir⁷.

A despeito de interpretações fantasiosas que constam nos relatórios de Budweg⁸, e que concorreram para que o trabalho realizado fosse visto com extrema reserva por parte da comunidade científica, os dados primários que oferece na forma de descrições dos sítios, acompanhados de fotos, bem como a sua localização, vieram a tornar pública a informação sobre um patrimônio cultural sobre o qual não se tinha conhecimento.

Com a intensificação da presença humana da região, bem como da sua consequente antropização, alguns desses sítios, ou mesmo os vestígios que os compõem, tendem a desaparecer, seja por aproveitamento econômico, seja por alteração das evidências arqueológicas. Assim, quando em 2007 realizamos levantamentos na Pedra Preta, já não encontramos o menir e os alinhamentos de pedra descritos por Budweg como existentes na área central daquele sítio.

3 O sítio Pedra Preta de Paranaíta, sua localização e contexto arqueológico

Inserido na bacia do alto rio Tapajós, antes do encontro de seus principais formadores – os rios Juruena e Teles Pires –, e posicionado entre esse último e seu afluente Paranaíta, o sítio Pedra Preta situa-se numa área drenada por numerosos cursos d'água que se dirigem para o norte em busca dos rios mais caudalosos, tributários do baixo Amazonas por sua margem direita.

A despeito das pastagens que, paulatinamente, substituem a mata e se aproximam do sítio pelo poente, Pedra Preta ainda é envolta pela floresta que, caracterizada pela presença de castanheiras e de outras espécies arbóreas de grande porte⁹, cobre amplas superfícies dos vales dos rios, em todas as direções.

Na bacia do Teles Pires registram-se numerosos sítios arqueológicos cerâmicos¹⁰ – sítios a céu aberto que apresentam, em superfície e subsuperfície, significativa densidade de material arqueológico cerâmico e sítios em abrigos-sob-rocha que às vezes apresentam vasilhas cerâmicas inteiras, algumas de avantajadas dimensões. Junto à cerâmica, está presente o material lítico, tanto lascado quanto polido. Não se registrou, até o momento, sítios ou horizontes com apenas material lítico.

Os sítios cerâmicos a céu aberto localizam-se, em geral, a distâncias inferiores a 400 metros de fontes de água, enquanto que aqueles em abrigos são registrados, com bem maior frequência, a distâncias maiores, o que sugere o uso desses últimos para atividades outras, que não para habitação.

Os sítios são relativamente rasos, apresentando maior densidade de material arqueológico nos níveis mais superficiais, embora possam ocorrer urnas funerárias em níveis mais profundos.

Sítios medidos com base na mancha superficial de material arqueológico apresentam dimensões máximas que vão de alguns poucos metros até 700 metros, sendo que cerca de 50% apresentam dimensões entre 100 e 300 metros, e os restantes distribuem-se igualmente entre os que têm dimensões máximas acima de 300 metros e os que têm dimensões abaixo de 100 metros. Esses dados fornecem uma ideia, embora preliminar, da ocupação ceramista que se deu na região, indicando assentamentos relativamente grandes.

Somam-se a esses registros, a ocorrência frequente de locais com polidores fixos em blocos rochosos às margens de cursos d'água e lajes rochosas com presença de gravuras, além dos já citados alinhamentos de pedra e sobreposições de blocos, que se pretende intencionais.

Quantidade surpreendente de artefatos líticos polidos é levada por garimpeiros até a cidade de Paranaíta, na forma de lâminas de machado, mãos de mó, enxós e almofarizes, apenas citando os mais comuns. Registram-se, ainda, alguns muiraquitãs em forma de batráquio, sugerindo conexões com grupos distantes.

Desta forma, parece ficar evidenciado um contexto arqueológico caracterizado pela ocupação por grupos ceramistas horticultores, embora não se possa descartar a presença pretérita de grupos caçadores-coletores, haja vista o seu registro em diversos locais da grande bacia do Amazonas. E, especialmente, nessa região, que oferece abundância de matérias primas rochosas e mesmo de abrigos, é possível que a intensificação das pesquisas venha a evidenciar horizontes arqueológicos mais antigos.

Pode-se propor, ao menos em caráter preliminar, que a área é extremamente promissora para investigação das relações entre grupos da Amazônia e grupos de outras regiões, dado que, geográfica e ecologicamente posiciona-se como área de transição, entre a bacia amazônica, o planalto central e, ainda, a bacia platina. E apresenta materiais arqueológicos que têm sido tomados como indicadores de grupos culturais daqueles distintos macro ambientes.

Tal possibilidade já fora indicada pela arqueóloga eslovena Branislava Susnik (1994), que trabalhou no Paraguai por pelo menos quatro décadas (desde 1951 até a sua morte em 1996), deixando importante contribuição para a história indígena sul-americana e em cuja construção utilizou dados etno-históricos, etnológicos e arqueológicos. Em um de seus últimos trabalhos

publicados, Susnik aponta importantes afluentes meridionais do rio Amazonas – Madeira, Tapajós, Xingu, e Araguaia-Tocantins –, como vias de dispersão de grupos amazônicos de diferentes filiações linguísticas – *arawak*, *tupi* e *pano*, que em distintas levas teriam alcançado as áreas mais altas do trecho meridional da bacia, passando inclusive, para o Pantanal e, deste, pela via hidrográfica do Paraguai-Paraná, adentrado o Chaco e a bacia platina.

Em relação à ocupação pré-colonial do rio Xingu, a tese de Susnik parece encontrar sustentação nos estudos desenvolvidos pelo arqueólogo Michel Heckenberger (1996; 2001), que abordam a chegada, na região, de grupos da Amazônia de filiações linguísticas diversas, *arawak*, *tupi* e *karib*. Tal processo teria se dado a partir do final do primeiro milênio, dando origem à amálgama cultural que ali se observa.

Para o trecho mais alto da bacia do Tapajós, do qual faz parte o rio Teles Pires, podem-se investigar possíveis conexões com os grupos ceramistas do médio e baixo Amazonas, ou mesmo da Amazônia setentrional, já que as redes hidrográficas constituíam, desde tempos pré-coloniais, rotas de deslocamento e redes de comunicação intergrupais de longo alcance. A presença de muiraquitãs¹¹, e de eventuais megalitos no trecho da Amazônia mato-grossense drenada pelo rio Teles Pires parece apontar nessa direção.

A existência de uma ampla rede de comércio pré-colonial na Amazônia, da qual participariam os muiraquitãs, tem sido tratada por diversos pesquisadores, a exemplo de Boomert (1987) e Antonio Porro (1996), entre outros.

Observa-se, também, que ainda nos dias de hoje conta-se, no Teles Pires, com a presença dos Cayabi e dos Apiacá, do tronco linguístico *tupi*, e na bacia do Juruena, que se junta ao Teles Pires para formar o Tapajós, com os Enauenê-Nauê e os Ariti-Paresi, ambos de filiação linguística *arawak*.

4 Os sítios rupestres da região do rio Teles Pires

Na região do rio Teles Pires, os sítios de arte rupestre conhecidos parecem indicar a sua presença numa faixa entre 9° a 11° de latitude Sul, demarcando o norte de Mato Grosso e suas divisas com o estado

do Pará. Têm-se, ainda, algumas referências sobre a presença desse mesmo tipo de sítio na margem paraense daquele rio.

Sua faixa de ocorrência pode ter como limite oeste o rio Juruena ou o rio Apiacás, e como limite leste o rio Xingu ou o Araguaia-Tocantins carecendo, no entanto, de ampliação dos registros e de estudos sistemáticos comparativos para levantar-se, com mais precisão, os seus limites territoriais.

Pode-se entender que os sítios conhecidos estão posicionados no contexto geográfico da Serra do Cachimbo, da Serra dos Apiacás e da Serra dos Cayabis, compondo-se de grandes lajes, matacões e blocos de granito e de arenito, nos quais são registradas gravuras rupestres, alinhamentos de pedras e amontoados de blocos, por vezes considerados como megalitos.

A despeito de alguns outros registros de sítios rupestres¹², o conjunto mais expressivo foi oferecido por Budweg, que registrou nove lajes rochosas com gravuras e/ou com alinhamentos de pedra, distribuídos pelos municípios mato-grossenses de Alta Floresta, Paranaíta e Nova Monte Verde.

Acrescente-se ao conjunto de municípios nos quais esses sítios foram registrados, o município de Guarantã do Norte, que foi objeto de prospecções arqueológicas no âmbito dos estudos ambientais de Pequenas Centrais Hidrelétricas para o rio Braço-Norte¹³, afluente do rio Peixoto de Azevedo, que por sua vez, é tributário do Teles Pires. Esses estudos registraram em Guarantã do Norte dois sítios caracterizados como “petroglifos sobre lajedos” e que foram denominados sítio Cachoeirinha e sítio Cobra Riscada.

Tem-se notícias, ainda, de outras lajes com gravuras no município de Terra Nova do Norte. E ao longo do Teles Pires há, também, blocos rochosos com gravações, como registrado por Pardi (1995), na Ilha do Caldeirão. Embora a arqueóloga não forneça a localização do sítio, presume-se que seja no trecho mais baixo do rio.

Digno de nota é que esta expressão rupestre tem se apresentado, quase que invariavelmente, a céu aberto, havendo um único registro de grafismos em abrigo rochoso, ainda a ser confirmado, a despeito da presença de inúmeros sítios cerâmicos em cavidades naturais e em abrigos formados por blocos rochosos sobrepostos.

Entre os sítios de gravuras registrados nesse trecho mais alto na bacia do Tapajós, Pedra Preta de Paranaíta é aquele que mais intensamente parece representar a expressão rupestre da região.

5 Pedra Preta de Paranaíta, monumento e suporte

O sítio Pedra Preta de Paranaíta é constituído por um grande bloco granítico que emerge em meio à floresta circundante até uma altura de 37 metros, medidos do nível de onde aflora do solo até o seu ponto mais alto. Tal altura proporciona a visualização de uma ampla área, acima do dossel da floresta (1).

Em meio à vastidão da mata original, pode-se entender que o afloramento rochoso proporcionasse uma visão privilegiada em todas as direções, constituindo-se em um verdadeiro observatório. As populações pré-coloniais que vivessem sob a sombra da floresta teriam aí uma vista aérea de uma vastíssima região, representada pelos vales dos rios Teles Pires e Paranaíta. E também poderiam desfrutar do contato com a abóbada celeste completa. Assim, o afloramento rochoso poderia mesmo ter sido um marco referencial para as populações pretéritas na região do interflúvio daqueles dois rios. Daí o seu caráter de monumento.

A rocha é de constituição granítica pertencente ao Complexo Xingu, de coloração cinza-claro e coberta por musgo que cresce na estação das águas e se deposita da seca, conferindo-lhe uma coloração final verde-escuro, quase negra, razão do nome que o sítio recebeu. Tal revestimento proporciona, principalmente nas horas de maior insolação, uma forte impressão visual aveludada, “macia”, em contraste com a superfície da rocha alterada pelas intempéries, cuja sensação tátil é extremamente áspera e desconfortável ao toque. Essa discordância entre a leitura, proporcionada por diferentes sentidos, leva a uma sensação de estranheza que, certamente, contribui para o fascínio exercido pela Pedra.



Figura 1 - Vista aérea do sítio Pedra Preta de Paranaíta mostrando, em seu topo, a área central de forma circular e superfície aproximadamente plana, conformando uma grande praça¹⁴

As características geológicas do suporte rochoso e o intemperismo físico a que este se encontra submetido, com significativas variações diárias de temperatura, conduzem a um processo de desagregação da rocha, que concorre para a formação de manchas de solo e de depressões arredondadas que às vezes ocorrem interligadas, chamadas “marmitas”, e que conservam água durante a estação das chuvas (2). Tal processo permite a instalação de espécies vegetais específicas, como musgos, líquens, bromélias, orquídeas, gramíneas e algumas espécies invasoras arbustivas.

Pode-se entender que hoje as gravuras se apresentem mais rasas e escurecidas, cobertas por sucessivas camadas de musgo que se depositam anualmente. Mas à época de sua execução, haveria um contraste marcante entre a coloração da superfície intemperizada da rocha-suporte, que é verde-escura, quase negra, e os grafismos, que apresentariam a cor cinza-claro, original da camada interna do granito.

Devido ao acentuado desconforto térmico para a permanência humana, com temperaturas que podem alcançar os 50°C nas horas mais quentes do dia, pode-se entender o sítio como de atividade

específica, não destinado à habitação. No entanto, infere-se que o sítio tivesse grande importância, dado à magnitude do próprio suporte natural, e à riqueza dos painéis e grafismos que ostenta, se comparado a outros sítios da região, caracterizados pela mesma expressão rupestre.

A distribuição dos painéis no suporte rochoso, a composição, a temática e a técnica de execução dos grafismos nos dão mais elementos para a caracterização dessa expressão rupestre.



Figura 2 - Vista parcial do monumento rochoso mostrando marmitas em sua superfície. (Cardoso)¹⁴.



Figura 3 - Vista parcial do monumento rochoso mostrando fendas existentes na sua extremidade ocidental. (Esgalha)¹⁵.

6 O suporte rochoso e a distribuição dos painéis

O corpo granítico que compõe o sítio-monumento é constituído por um grande bloco granítico contínuo, de forma elipsoide, de área aproximada de 10 hectares (1).

Na área central do afloramento, praticamente não ocorrem fraturas e nas bordas há algumas diaclases de até dois metros de largura e profundidades diversas. Na extremidade ocidental do sítio há algumas fendas, tendo uma delas dois metros de largura e cinco metros de profundidade (3).

O monumento rochoso não apresenta concentrações de blocos ou matacões, porém sua superfície é topograficamente irregular, com diversos setores mais elevados, formados por ondulações que, por vezes, alcançam mais de três metros de altura. As formas das ondulações são bem arredondadas (4 e 5) e foram usadas como suporte para a execução dos grafismos.

O processo de desagregação da rocha, decorrente do intemperismo físico, torna o monumento bastante frágil ao pisoteio de pessoas e animais¹⁵. Alguns grafismos já foram afetados.



Figura 4 – Ondulação que contorna a praça central pelo poente, onde está o painel com representação da grande serpente e outros grafismos. Cardoso e Esgalha¹⁴.



Figura 5 – Ondulações na topografia do suporte rochoso, onde está parte significativa dos grafismos. (Cardoso & Esgalha¹⁴).

A despeito da forma geral do bloco granítico, de uma calota de superfície contínua, a topografia organiza o monumento em setores espaciais, proporcionando algumas áreas horizontalizadas e outras inclinadas, algumas quase verticais (4 e 5).

A parte central do monumento, de superfície aplanada aproximadamente horizontal e de forma circular, encontra-se num nível elevado, suplantada apenas por ondulações que a contornam, sobre as quais estão os conjuntos mais significativos de grafismos e por alguns pontos culminantes de pequena área (1).

Fornecendo um amplo espaço, que comportaria grande número de pessoas, essa área parece compor uma praça central, em função da qual os outros setores se distribuem, apresentando outros painéis com conjuntos de grafismos ou mesmo grafismos isolados.

Já os setores inclinados, alguns constituindo rampas suaves, poderiam ser usadas como acesso àquela área central do monumento e a outros setores do sítio que também proporcionam superfícies mais horizontalizadas e que permitem a permanência de pessoas. Os pontos mais altos, no entorno da praça central, são propícios à contemplação dos horizontes, em todas as direções.

Assim, a distribuição dos painéis no suporte rochoso parece ter considerado especialmente as suas características topográficas. Os painéis mais extensos e com maior quantidade de grafismos estão

sobre planos inclinados ou mesmo aproximadamente verticais, resultantes das ondulações do afloramento rochoso (6).



Figura 6 – Um dos grandes painéis existentes no sítio, apresentando extensos grafismos paralelos que se desenvolvem no mesmo sentido da inclinação do suporte rochoso. (Cardoso & Esgalha)¹⁴.

Esses painéis se voltam para as áreas horizontalizadas mais amplas, de onde poderiam ser contemplados. Essas áreas possuem espaço suficiente para a ocorrência de eventos rituais ou sociais que reunissem um grande número de pessoas. O painel mais extenso e mais rico em grafismos, aqui considerado como o principal, é voltado para a grande praça localizada no centro do monumento.

Há também grafismos e conjuntos de grafismos em trechos horizontalizados, embora apareçam em menor número. Estes grafismos estão localizados em pontos aparentemente especiais, tais como: o início de uma rampa suave que representaria o acesso mais confortável à área central do sítio; uma das extremidades do grande painel; um pequeno platô localizado próximo ao ponto mais alto do sítio, e que poderia comportar um grupo de pessoas, além do topo dos painéis inclinados.

Os grafismos mais extensos desenvolvem-se pela topografia do monumento rochoso contornando marmitas e outros acidentes existentes na rocha, por vezes interligando planos de diferentes inclinações.

7 Os grafismos: dimensões, técnica de execução e recursos gráficos

Os painéis contam com um número de grafismos relativamente reduzido. Na ocupação do espaço, o pequeno número de figuras é compensado por suas grandes dimensões, que em geral ficam entre meio metro e dezenas de metros. A maior figura alcança dimensão superior a 40 metros estendendo-se em sentido geral horizontal ao longo da parede inclinada da ondulação da rocha que se volta para a praça central.

Pode-se indicar como uma das características principais dessa expressão rupestre, a monumentalidade das figuras, que se desenvolvem praticamente livres de sobreposições.

As características topográficas do sítio, a localização dos maiores painéis em planos inclinados e, ainda, a grande extensão dos próprios grafismos, acarretam uma grande dificuldade para proceder ao seu registro¹⁶. Nos painéis horizontalizados o registro por *fottage* é mais viável (7).

Nesta expressão de arte rupestre, parecem ter sido utilizadas diversas técnicas para produção dos grafismos: a raspagem, o polimento e, possivelmente, o picoteamento. No entanto, para uma descrição mais segura das técnicas, seria de grande interesse a sua replicagem em suportes constituídos por rochas de mesma natureza. Não se observa o uso de incisões, talvez devido à própria dureza da rocha-suporte.



Figura 7 – Registro por *frottage* sendo feito em painel horizontal com representação de quelônios. (Cardoso).

Os grafismos são compostos por um número limitado de recursos gráficos: linhas, *cupules*¹⁷ e áreas polidas. Esses três recursos gráficos são utilizados em diferentes combinações, para compor as figuras que podem ser classificadas como biomorfos (antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos) e geométricos.



Figura 8 – Figura aberta de temática geométrica (ou seria fitomorfa?).



Figura 9 – Figura antropomorfa representada de frente. (Cardoso & Esgalha)¹⁴.

As linhas são usadas para diferentes fins (8, 9, 10 e 13): definir figuras abertas; produzir contornos de figuras fechadas; realizar preenchimento de figuras por meio de sua divisão interna; interligar figuras; atravessar grandes áreas interligando diferentes planos do suporte rochoso.

Cupules são usadas para compor figuras sem contorno (10 e 11); para preenchimento de figuras fechadas de contorno linear (12); e para representar traços fisionômicos (22) de algumas figuras zoomorfas, antropomorfizadas ou não (para representar os olhos, por exemplo).

De maneira geral a profundidade dos grafismos é modesta, entre 07 mm e 10 mm, fato certamente motivado pela dificuldade em desgastar o granito de superfície tão áspera e rugosa, e pelo paulatino preenchimento dos sulcos das gravuras pela deposição de camadas de musgo. As linhas apresentam em geral largura de 3,0 cm, variando, em alguns grafismos, entre 3,0 e 6,0 cm; as *cupules* têm diâmetros que variam entre 4,0 e 7,0 cm.

Os sulcos das linhas e as cavidades das *cupules* são sempre côncavos, não se tendo observado seções angulosas. Pode-se admitir que o picoteamento tenha precedido o polimento, pelo menos na execução das *cupules*.



Figura 10 – Representação geométrica com linhas e *cupules*. Observa-se, à esquerda, figura fechada preenchida com linhas paralelas. (Cardoso & Esgalha)¹⁴.



Figura 11 – Figura aberta formada por *cupules*. (Cardoso & Esgalha)¹⁴.

As linhas são executadas de modo muito preciso, cada qual terminando no encontro com outra, isto é, sem ultrapassarem umas às outras, a não ser quando intencional. Os conjuntos de *cupules* são extremamente bem executados, mantendo dimensões padronizadas

e grande proximidade entre si, o que, em diversos casos, proporciona a impressão visual de textura e/ou de volume.



Figura 12 – Representação geométrica de contorno fechado, preenchida por *cupules*.



Figura 13 – Representação geométrica de contorno fechado, preenchida por linhas paralelas.

As representações gráficas apresentam figuras esquemáticas lineares filiformes ou fechadas sem preenchimento ou, ainda, preenchidas com linhas e/ou com *cupules* (12 e 13). O preenchimento com linhas é feito com linhas paralelas ou concorrentes. Quando usadas como preenchimento, as *cupules* apresentam-se, por vezes, contornadas por círculos (14 e 15).



Figura 14 – Trecho de painel com representações interligadas de quelônios. (Cardoso & Esgalha)¹⁴



Figura 15 – Grafismo com representação de quelônio. O corpo é preenchido por *cupules* contornadas por círculos. (Cardoso & Esgalha)¹⁴

O terceiro recurso, observado em partes ou setores de algumas figuras zoomorfas, é a supressão da textura rugosa da rocha intemperizada, obtida por meio da raspagem e/ou polimento. Tal recurso resulta no contraste visual da parte alisada com relação à superfície intemperizada rugosa do suporte rochoso. Esse recurso foi usado, por exemplo, na cabeça e nas patas de algumas representações de mamíferos (16 e 17).



Figura 16 – Representações zoomorfas de contorno fechado tendo, a de cima, o corpo preenchido por *cupules*, a cauda preenchida por linhas, e as patas tratadas por raspagem. (Cardoso & Esgalha)¹⁴.



Figura 17 – Representação zoomorfa de contorno fechado, com o corpo preenchido por linhas paralelas, e com cabeça e patas tratadas por raspagem. (Cardoso & Esgalha)¹⁴.

8 Caracterização dos grafismos quanto à temática

Quanto à temática, as representações observadas na Pedra Preta podem ser divididas em três categorias:

- Representações antropomorfas ou zoomorfas antropomorfizadas.
- Representações zoomorfas.
- Representações geométricas e/ou fitomorfas.

Parte das figuras zoomorfas, antropomorfizadas ou não, são representadas de perfil (18 e 19), mas algumas são representadas vistas de cima, como o caso de representações de quelônios (16 e 17). Figuras antropomorfas ou zoomorfas antropomorfizadas também são representadas de perfil e de frente. Pode-se entender que as representações são feitas do ponto de vista em que o elemento ou aspecto representado é mais claramente caracterizado.



Figura 18 – Representações biomorfas antropomorfizadas filiformes (de perfil). São duas figuras paralelas similares, sugerindo caminhar. (Cardoso & Esgalha)

As representações podem ser estáticas ou em movimento, essas últimas especialmente quando formam conjuntos de várias figuras. Em diversos casos, as figuras são interligadas por linhas sinuosas (18, 19 e 25).



Figura 19 – Resultado digitalizado do registro por *frottage* do painel de um conjunto de figuras em movimento (Berra & Migliacio)¹⁴.

Outras figuras, embora possuam algum elemento associado à fauna (cauda, por exemplo), sugerem representação humana (20, 21), podendo apresentar traços fisionômicos, a exemplo de olhos representados por *cupules* (22).



Figura 20 – Vista parcial do painel principal mostrando figuras geométricas (à esquerda) e zoomorfias antropomorfizadas (à direita). (Cardoso & Esgalha).



Figura 21 – Figura zoomorfa antropomorfizada, representada de frente. (Cardoso & Esgalha)¹⁴.



Figura 22 – Representação zoomorfa antropomorfizada com traço fisionômico marcado com *cupules* (olhos). Escala gráfica = 20 cm. Registro por *frottage*. (Berra & Migliacio)¹⁴.

Representações indiscutivelmente zoomorfas são, em alguns casos, passíveis de se sugerir as espécies representadas, a exemplo de tatu, anta, macaco, tamanduá, veado, tartaruga, serpente, entre outras (14, 15).

As representações geométricas aparecem com motivos diversos: figuras abertas formadas por *cupules* (11); circunferências divididas internamente por raios; círculos concêntricos; círculos preenchidos por *cupules* (24); grafismos retangulares e subcirculares com preenchimento de linhas paralelas; redes de linhas entrelaçadas (24); entre outras. Em alguns casos, grafismos geometrizados podem ser entendidos como fitomorfos (8 e 23).



Figura 23 - Grafismos geométricos ou fitomorfos formados por linhas e *cupules*. Reproduções por meio de digitalização dos registros obtidos por *frottage*. As escalas gráficas representam 20 cm (grafismos à esquerda e ao centro), e 60 cm (grafismo à direita). (Berra & Migliacio)¹⁴.



Figura 24 – Representação geométrica definida por linhas entrecruzadas, das quais pendem círculos concêntricos marcados internamente por *cupules*. Trecho do painel principal.

9 Composição e organização dos grafismos

Observa-se nesta expressão rupestre um modo recorrente de organizar os grafismos e de compor conjuntos de figuras.

São características recorrentes da organização dos grafismos:

- Justaposição de figuras, sem sobreposições.
- Presença tanto de agrupamentos, como de figuras “isoladas”, que aparecem em setores topográficos independentes do suporte rochoso.
- Utilização de longas e sinuosas linhas para interligar grafismos, mesmo que estejam em distintos planos ou setores topográficos.
- Em caso de situarem-se em painéis inclinados, as figuras de temática geométrica desenvolvem-se amplamente no sentido vertical, e os membros das figuras antropomorfas e zoomorfas desenvolvem-se, em geral, em direção à parte inferior dos painéis.
- Ocorrência de algumas cenas ou grupos de figuras em movimento, a exemplo de figuras antropomorfas que parecem executar uma dança, e de um grupo de quelônios em fila indiana.

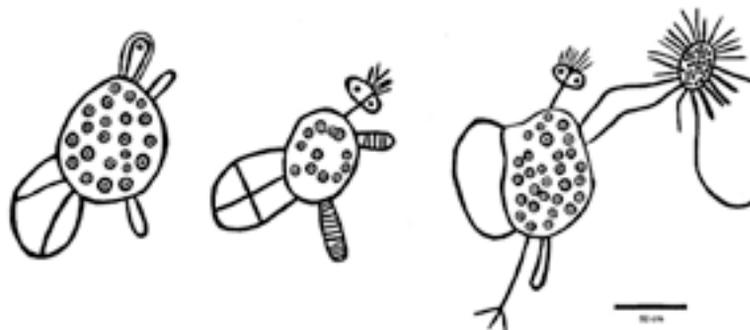


Figura 25 – Trecho de painel com figuras de quelônios. Reprodução a partir de digitalização dos registros obtidos por *frottage*. A escala gráfica representa 60 cm. (Berra & Migliacio)¹⁴.

Observa-se, ainda, que independente da temática, as figuras em geral, agrupam-se em conjuntos definidos por:

- Linhas de formas sinuosas ou orgânicas que interligam as figuras. Cita-se, como exemplos: um conjunto de tartarugas antropomorfizadas, figuras antropomorfas filiformes, e um conjunto de figuras antropomorfas em movimento.
- Repetição da figura temática, colocadas em paralelo. Esse recurso foi utilizado em diversas representações, tanto de temática zoomorfa quanto antropomorfa e geométrica.

Merece destaque a figura que toma parte significativa do grande painel que se volta para a praça central. Acompanhando a parte mais alta da extensa ondulação que contorna o lado oeste da praça, à semelhança de uma grande serpente, a figura estende-se por cerca de quarenta metros, contornando alguns acidentes existentes na rocha. É composto de milhares de *cupules*, que lhe dão a aparência de escamas. De cada extremidade, parte um feixe de linhas.

Abaixo e em torno a esta figura está o conjunto de maior quantidade de grafismos existentes no sítio, e que reproduz figuras temáticas geométricas e zoomorfas antropomorfizadas, apresentando a diversidade de formas e de recursos gráficos representativos daquela expressão rupestre.

É como se todos os elementos representados se originassem na figura da cobra, o que de certa forma remete ao mito amazônico de surgimento da humanidade e povoamento do mundo a partir de uma entidade mítica representada por uma cobra-canoa (KEHÍRI, 1995).

Com efeito, a despeito da dificuldade de se explorar as relações entre as narrativas míticas e a arte rupestre, representações de serpentes são recorrentes em alguns sítios amazônicos, já se tendo registro dos mesmos tanto na porção setentrional como na porção meridional da Amazônia. É plausível que alguns desses registros possam estar associados a mitos de origem de grupos *arawak*. Interessante registrar que o etnólogo alemão Theodor Koch Grunberg, que até a segunda década do século XX desenvolveu estudos na área setentrional da Amazônia, faz referência a uma representação de serpente registrada por Chaffanjon ainda no século XIX no Cerro Pintado, localizado na margem direita do rio Orinoco, e que teria 120 metros de comprimento (KOCH-GRUNBERG, 2010 [1907], p. 24).

Evidencia-se, portanto, que a região norte do estado de Mato Grosso fornece novos e singulares sítios de arte rupestre para a Amazônia Meridional, e para a arqueologia brasileira.

Em relação às expressões rupestres já conhecidas e classificadas no Brasil, a expressão rupestre presente em Paranaíta e, especialmente, aquela representada pelo sítio Pedra Preta de Paranaíta, apresenta similaridades e diferenças.

Algumas similaridades podem ser apontadas entre a arte rupestre de Paranaíta e algumas das expressões conhecidas, por exemplo, no município de Corumbá, nas bordas do Pantanal, estudada por Girelli (1994). Ali as gravuras rupestres também cobrem amplos lajedos a céu aberto, interligadas por longas e sinuosas linhas. Nas duas expressões ocorrem alguns grafismos semelhantes, como *cupules* contornadas por círculos, e que são interligados, formando conjuntos ou figuras compostas. Porém, enquanto os lajedos de Corumbá exibem grandes conjuntos de pequenas figuras interligadas, quase que exclusivamente de temática geométrica, no sítio Pedra Preta de Paranaíta, ênfase foi dada para os grafismos biomorfos de grandes dimensões.

No contexto amazônico, a arte de Pedra Preta de Paranaíta parece encontrar maior afinidade com a expressão rupestre registrada pela arqueóloga Edithe Pereira na região dos rios Xingu e Araguaia-Tocantins, e que considera uma tradição ainda não totalmente definida (PEREIRA, 2003, p. 230).

Essa tradição, caracterizada, segundo aquela autora, por grande número de grafismos puros, com significativa presença de zoomorfos e, ainda, embora em menor número, apareçam figuras antropomorfas, sendo esses últimos representados de corpo inteiro, com traços simples e sem adornos corporais, parece se aproximar da arte rupestre da Pedra Preta de Paranaíta e de outros sítios da região do Alto Tapajós, particularmente, da bacia hidrográfica do Teles Pires.

Tais observações parecem reforçar a nossa proposição para o limite leste da expressão rupestre de Pedra Preta como sendo a região do Araguaia-Tocantins.

No entanto, a presença de alguns grafismos distintivos, presentes também em outras regiões da Amazônia, aponta para a necessidade de se realizar estudos comparativos mais sistemáticos e aprofundados, principalmente considerando a grande diversidade das expressões rupestres presentes nessa macrorregião.

Desta forma, poderíamos propor, ao menos em caráter preliminar, a denominação *Paranaíta* para esta expressão rupestre que ocorre na Amazônia Mato-grossense, na região do Alto Tapajós.

Notas

1. A Força Aérea Brasileira mantém uma base na Serra do Cachimbo, no município paraense de Novo Progresso.
2. Heinz Budweg realizou duas expedições de registros de sítios que incluíram a região do norte do estado de Mato Grosso, e cujos resultados estão apresentados em dois relatórios de viagem intitulados *Projeto Tapajós – 5.000 anos antes da chegada de Cabral*, sendo um de 1998 e outro de 1999.
3. O projeto, autorizado pela Portaria de Permissão nº 29 de 2/2/2007, contou com equipe multidisciplinar, a caracterização geológica e geomorfológica foi desenvolvida pela geóloga Msc. Tereza Neide Nunes Vasconcelos, e a caracterização da vegetação e uso do solo elaborada pelo biólogo Msc. José Roberto Borges Monteiro. Os estudos da arte rupestre contaram com a consultoria da arqueóloga Julia Cristina Berra, e o plano de gestão e socialização do sítio contou com a bióloga Nely Tocantins. Registro Fotográfico por Silvio Esgalha e Paulo Cardoso, com complementação de fotos de José Roberto Borges Monteiro, Marcos Gaertner e Nely Tocantins, além da autora do presente texto.
4. Como pesquisa acadêmica tem-se apenas, a Dissertação de Mestrado de Francisco Forte Stuchi, que realizou estudos de etnoarqueologia com os Cayabi do Teles Pires, intitulado *A ocupação da Terra Indígena Kaiabi (MT/PA) – história indígena e etnoarqueologia*.
5. *Programa de Preservação do Patrimônio Cultural, Histórico, Arqueológico e Paleontológico e Etnoarqueológico da UHE Teles Pires*, com portaria de permissão do Iphan publicada em 2011, coordenado pela arqueóloga Erika M. Robrahn-González, cujos sítios identificados estão no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA.
6. Com portaria de permissão publicada no final de 2015, o projeto *Gestão do patrimônio arqueológico, histórico e cultural da área de influência da UHE São Manoel – etapa de prospecções intensivas*, coordenado pelo arqueólogo Wagner Gomes Bernal.
7. Sítio arqueológico denominado Pedra do Gato.
8. Budweg apresenta uma explicação, já questionável desde sua origem no século XIX, que associa os petroglifos da Amazônia a uma pretensa presença de fenícios na região.
9. Conforme depoimentos colhidos em Paranaíta, havia no município, inserida na floresta, uma grande mancha de castanheiras de aproximadamente 4 km de largura por 5 km de extensão, que acabou destruída por um garimpo de ouro que ficou conhecido pelo nome de “garimpo do Castanhal”.
10. Dados dos levantamentos que realizamos para Pedra Preta complementados por dados do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA, mantido pelo Iphan.
11. Muiraquitãs encontrados pelos trabalhos arqueológicos desenvolvidos para o licenciamento da PCH Braço Norte IV, conforme o arqueólogo Gérson Levi da Silva Méndes (2003).
12. Entendam-se aqui, por “sítios rupestres”, aqueles que apresentam arte rupestre (representada, no caso, por gravações), alinhamentos de pedra, e outras manifestações megalíticas, que podem aparecer combinados.
13. Estudos arqueológicos coordenados pelo arqueólogo Paulo Jobim Campos Mello.
14. Reproduzido de *Projeto de Pesquisa Arqueológica, Plano de Gestão e Estratégia de Uso Público do Sítio Arqueológico de Pedra Preta, em Paranaíta, Mato Grosso*, 2007.
15. O sítio é frequentado por gado bovino e bufalino da fazenda onde está localizado.
16. Registrou-se uma amostra de catorze elementos, sendo eles, alguns trechos ou

grafismos dos painéis maiores, e alguns painéis menores. Para o registro foram utilizadas técnicas não invasivas – particularmente fotografia e *frottage*. Os registros em *frottage* feitos em campo foram então fotografados em laboratório, com controle de escala gráfica, e redesenhados em meio digital.

17. *Cupules* – palavra francesa usada nos estudos de arte rupestre para designar pequenas depressões com forma aproximada de meia calota, executadas no suporte rochoso.

Referências

BOOMERT, A. Gifts of the Amazons: “green stone” pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean. *Antropologica*, 67, p. 33-54, 1987.

BUDWEG, H. Projeto Tapajós: 5.000 anos antes da chegada de Cabral – relatório de viagem arqueológica – estados de Mato Grosso e Goiás de 06/07 a 22/08/98. Manuscrito de 1998.

_____. Projeto Tapajós: 5.000 anos antes da chegada de Cabral – relatório de viagem de prospecção arqueológica pelos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Manuscrito de 1999.

GIRELLI, M. Lagedos com gravuras na região de Corumbá, MS. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS, 1994.

HECKENBERGER, M. J. War and peace in the shadow of empire: sociopolitical change in the upper Xingu of Southeastern Amazonia, A.D. 1400-2000. Pittsburgh, 1996 -Tese de Doutorado - University of Pittsburgh.

_____. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguna na longue durée, 1000-2000 d.C. In: FRANCHETTO, B. & HECKENBERGER, M. (Orgs.). Os povos do Alto Xingu – história e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001. p:21-62.

KEHÍRI, T. Antes o mundo não existia. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.

KOCH-GRUNBERG, T. Petróglifos sul-americanos. Museu Paraense Emílio Göeld/Instituto Socioambiental, 2010.

MELLO, P. J. C. Projeto de levantamento do patrimônio arqueológico pré-histórico na área afetada pela PCH Braço Norte 3 (MT) - Relatório Final. Goiânia: IGPA/Guarantã Energética Ltda, 2001.

MIGLIACIO, M. C.; BERRA, J. C.; NUNES, T. N.; MONTEIRO, J. R. B.; SIMIÃO, J.; TOCANTINS, N. Projeto de Pesquisa Arqueológica: Plano de Gestão e Estratégia de Uso Público do Sítio Arqueológico de Pedra Preta, em Paranaíta, Mato Grosso. Pascon – Consultoria Ambiental, 2007.

PARDI, M. L. F. Frentes de expansão. Seu potencial e impacto sobre o patrimônio arqueológico – o caso da Amazônia mato-grossense a partir de um reconhecimento da 14ª CR/IPHAN. Anais da VIII Reunião Científica da SAB, p. 289-306. 1995/1996.

PEREIRA, E. Arte rupestre na Amazônia – Pará. São Paulo: Editora Unesp/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2003.

PORRO, A. O antigo comércio indígena na Amazônia. In: _____. O povo das águas – ensaios de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes/EDUSP, 1995. p. 125-131.

SILVA MENDES, G. L. A presença de muiraquitãs no norte do Mato Grosso: uma análise de contexto e áreas de distribuição. Comunicação apresentada no XII Congresso da Sociedade de Arqueologias Brasileira. São Paulo, 2003.

STUCHI, F. F. A ocupação da Terra Indígena Kaiabi (MT/PA) – história indígena e etnoarqueologia. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, 2010.

SUSNIK, B. Interpretacion etnocultural de la complejidad sudamericana antigua - formacion y dispercion etnica. Asunción: Museo Etnografico Andres Barbero, 1994.